



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

MEDICINA E LITERATURA

Publicado no site em 31/08/2010

Blau Souza

A linguagem ao permitir comunicação entre os homens criou um incalculável liame de possibilidades. Usando sons e suas representações gráficas, palavras, orações, discursos foram surgindo e sendo acumulados. Desenvolveram-se atividades com os mais diversos embasamentos, mas sempre permitindo que o homem usufruísse das ciências e das artes através dos tempos. Contar e ouvir histórias passou a ser a base para uma série de profissões. Uns, por exemplo, passaram a contá-las para deleite dos demais e para torná-los mais cultos, e as escreveram no papiro, nos pergaminhos, no papel ou na linguagem dos computadores, mas sempre fazendo literatura. Outros se especializaram em ouvir histórias e queixas dos padecimentos humanos visando entendê-los e buscar alívio ou cura para os sofredores. Foram mágicos, sacerdotes, feiticeiros, pajés em diferentes culturas antes de chegar ao estágio científico dos atuais praticantes da medicina. Nada mais esperado que as histórias enriqueçam as vidas de indivíduos que exerçam as duas atividades. E o mundo está cheio de doutores-escretores ou de escritores-doutores.

Os sintomas na medicina são subjetivos, mas necessitam ser expressos para serem entendidos, estudados e tratados. Quanto mais culto o queixoso, melhor será a representação sonora ou gráfica do sofrimento e não é por acaso que muitas doenças ou entidades são conhecidas pelos nomes de doentes célebres que delas sofreram. O mais comum, entretanto, é que elas passem a ser associadas aos nomes dos doutores que as souberam colher dos pacientes e que tiveram arte suficiente para generalizar seu entendimento. Por vezes surgirão dúvidas como esta: Sigmund Freud foi melhor como médico ou como escritor? E quantos doutores, diante de uma impossibilidade de cura, fantasiavam, criam ficção, numa evidente digressão que resulta em literatura. Na medicina de hoje, quando a tecnologia se hipertrofia, há necessidade de um humanismo, que dificilmente será encontrado em tanta abundância quanto na literatura. Não é por acaso que universidades em todo o mundo estão investindo em disciplinas que ensinem literatura e história da medicina. O Dr. Moacir Scliar, certa vez, ao ser convidado para ministrar curso de literatura para estudantes de medicina nos Estados Unidos, quis saber o porquê da escolha. De modo pragmático recebeu a resposta: era preciso ter formação humanística para melhorar a relação médico-paciente e tornar menos freqüentes os processos contra doutores e hospitais.

Qual livro de medicina expressará melhor um sofrimento crônico quanto Tolstoi ao criar Ivan Illitch? ou Thomas Mann na *Montanha Mágica*? Qual estudante de medicina não se entenece ou se indigna ao ler Cronin, Sinclair Lewis, Érico Veríssimo ou Machado de Assis quando falam médicos, de acadêmicos de medicina ou de doentes com seus sofrimentos reais ou imaginários?

Rabelais, Tchekhov, Williams C. Williams, Celine, Somerset Maugham, Marañon, Miguel Torga foram grandes escritores e foram médicos. No Brasil, um Guimarães Rosa ou um Pedro Nava foram notáveis em ambas as atividades. No Rio Grande do Sul o número de médicos que se dedicam a produzir textos literários excede expectativas. Sem querer explicar o porquê isso acontece, tive a honra de participar de duas experiências muito enriquecedoras. A primeira foi a de escolher quarenta patronos para uma virtual academia de médicos escritores do Rio Grande do Sul e que Moacyr Scliar aproveitou no texto para *Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre*, livro comemorativo ao centenário da mais antiga faculdade de medicina do Estado. A segunda experiência foi dividida com os colegas Franklin Cunha, Fernando Neubarth e José Eduardo Degrazia, quando em sete anos editamos sete livros. Nos seis primeiros, há pequenos verbetes

biográficos e textos de cento e vinte seis médicos em pleno exercício da medicina no Estado e que elaboraram textos literários, na sua maioria, inéditos. No sétimo, fizemos uma homenagem a mais de duzentos e sessenta médicos, todos já falecidos, que escreveram textos não técnicos no Rio Grande do Sul e que incluem alguns estrangeiros ou brasileiros de outros Estados que moraram por algum tempo entre nós. Há pequenas biografias e dados sobre as obras produzidas. Foram escolhidos onze autores como paradigmas das duas atividades e para os quais, elaboramos biografias mais aprofundadas, bem como apresentamos trechos escolhidos de suas obras. Eis o grupo dos onze: Caldre e Fião, autor do primeiro romance gaúcho e segundo do Brasil; Noemy Valle Rocha, feminista, estudiosa de folclore e que escrevia contos; Ramiro Barcellos, autor de *Antônio Chimango* e político ilustre; Cyro Martins, *o romancista de Trinta*, que consagrou a tríade do *gaúcho a pé*; Dyonélio Machado, político e romancista do cotidiano urbano; Balbino Marques da Rocha, clássico da poesia gauchesca; Aureliano de Figueiredo Pinto, que em prosa e verso dignificou o regional; Pedro Geraldo Escosteguy, poeta, artista plástico e grande figura do grupo Quixote; José Fernando Carneiro, pensador, ensaísta, nascido fora do Estado; Prado Veppo, poeta consagrado do cotidiano e do social; Mário Rigatto, professor de medicina e de vida e assíduo colaborador da série *Médicos (Pr)escrevem*.

Para encerrar, gostaria de fixar o foco de atenção numa figura admirável como cidadão, médico e escritor: José Antonio do Vale, que ao iniciar-se no jornalismo adicionou ao nome as palavras Caldre e Fião. Cooperou para esta escolha o mistério que cercou o desaparecimento de sua principal obra por cento e quarenta e cinco anos. Caldre e Fião nasceu em Porto Alegre em 1821. Órfão de pai aos dois anos de idade, iniciou a trabalhar numa farmácia aos treze. Foi auxiliar de botica na Santa Casa de Porto Alegre em troca de *ração diária de carne e farinha*. Transferiu-se para o Rio de Janeiro e tornou-se um entusiasta da homeopatia. Publicou *Elementos de Farmácia Homeopática para uso da Escola de Medicina Homeopática do Rio de Janeiro e da curiosa mocidade brasileira e portuguesa que quiser estudar este ramo de ciência médica* e uma *Enciclopédia de conhecimentos úteis e História das funções da vida humana*. Dono de muita erudição, tornou-se professor de várias matérias em colégio pertencente à família de dona Maria Isabel Lemos, com quem se casou. Sem grandes anúncios, lançou em 1847 os dois volumes de *A Divina Pastora: novela rio-grandense*, primeiro romance de autor gaúcho e segundo na literatura brasileira. O livro ficou desaparecido por cento e quarenta e cinco anos e gerou mistério e desconfiança quanto à sua existência, afinal comprovada com o surgimento de um exemplar no Uruguai em 1992. Antes disso a obra existia apenas através de anúncios de venda e pela notícia do aproveitamento das palavras *churrasco*, *guaiaca* e *picanha*, pinçadas por Antônio Pereira Coruja para seu livro *Coleção de vocábulos e frases usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*. Caldre e Fião tornou-se combativo jornalista, empolgado pela abolição da escravatura. Fundou o jornal *O Filantropo*, que se anunciava como humanitário, científico e literário. Também escreveu para mais dois jornais abolicionistas e seu segundo romance foi publicado em folhetim pelo jornal *O Americano* a partir de janeiro de 1849. Foi ameaçado de morte e de bloqueio de seus livros por rico comerciante a quem chamara de "traficante de carne humana". Só em 1851 é que defendeu tese de doutorado em medicina e se considerou pronto para retornar ao sul. Na volta, já no Porto de Rio Grande, fez inflamado discurso abolicionista e exerceu o jornalismo. Em Porto Alegre foi redator de *O Conciliador* e depois passou a trabalhar no importante *A Reforma*, órgão oficial do Partido Liberal. Neste jornal de circulação diária conviveu com Carlos Von Koseritz, Florêncio de Abreu, Timóteo Pereira da Rosa, Félix da Cunha e Eleutério de Camargo. Foi eleito deputado provincial em 1854. Embora desde sua chegada praticasse a medicina, passou a ser mais notado por ocasião da epidemia de cólera que atingiu Porto Alegre em 1867. O jeito de cuidar dos doentes revelou o destino que lhe estava reservado como médico dos pobres na capital gaúcha e em São Leopoldo. Ele foi a grande figura do Parthenon Literário e de sua revista, em que publicou poesias, crônicas, biografias, peças teatrais e ensaios. Era presidente de honra do Parthenon, mas ninguém trabalhava mais do que ele como líder de um grupo de escritores mais jovens. Não apenas escrevia artigos candentes contra a escravatura, desenvolvia atividades práticas em favor dos escravos, como ao acolher no sítio de sua propriedade, próximo de São Leopoldo, crianças negras abandonadas em função da Lei do Ventre Livre, já que os senhores mantinham as mães no cativeiro. Guilhermino Cesar disse que "o médico matou o romancista", mas Carlos Reverbel ressaltou que a medicina não matou o abolicionismo em Caldre Fião. Ele morreu pobre em Porto Alegre no dia 19 de março de 1876, bem antes da Lei Áurea. Sua mulher carioca sobreviveu-lhe sem filhos. Mas, ao morrer, já era nome de rua em Porto Alegre e nome de bairro em São Leopoldo. Encerrarei esta palestra lendo trecho de uma crônica do jornalista Aquiles Porto Alegre escrita durante a epidemia de cólera na capital gaúcha. É-la: "À noite, na embocadura das ruas e praças, enormes fogueiras, alimentadas pelo alcatrão, davam ao povoado uma aparência sinistra, como se um medonho incêndio lavrasse, ao mesmo tempo, em diversos pontos. E ainda para mais impressionar o espírito já abatido da população, ouvia-se, de quando em quando, o ranger da grilheta dos encarcerados que cruzavam as ruas conduzindo em padiolas as vítimas da peste. E

esse som áspero e penetrante, quebrando o silêncio das horas mortas da noite, ressoava tristemente como dobres de finados. E, à luz apavorante das labaredas das fogueiras, que ardiavam nas ruas desertas e silenciosas, via-se passar apressado, ao lado de um ou outro, o doutor Caldre e Fião, para ir socorrer os atacados da epidemia, sobre cujas cabeças ele espalmava as asas do seu carinho e de sua caridade infinita.”